

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ARIANDNE IEZA PENTEADO

**FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA DO ENSINO DA LEITURA**  
**CONTRIBUIÇÕES ORIUNDAS DA REVISTA *LEITURA: TEORIA E PRÁTICA***

CAMPINAS

2007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ARIANDNE IEZA PENTEADO

**FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA DO ENSINO DA LEITURA**

**CONTRIBUIÇÕES ORIUNDAS DA REVISTA *LEITURA: TEORIA E PRÁTICA***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

CAMPINAS

2007

---

Orientador: Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva - Orientador

---

Segundo Leitor: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lilian Lopes Martin da Silva

Aos meus pais

Ao meu companheiro Rhenan

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, que sempre estiveram comigo nessa jornada da minha vida, repleta de muitos desafios, sendo sempre presentes e fundamentais. Muito obrigada pelo apoio, confiança e incentivo;

Aos meus avós maternos, meus segundos pais, por tanto amor e dedicação por mim. Da maneira deles, vivenciaram grandes momentos da minha graduação;

Ao meu companheiro Rhenan, por compreender os momentos de angústia e ansiedade na elaboração deste trabalho. Com muita paciência, me ouviu e orientou para que não me desequilibrasse diante dos obstáculos;

Ao professor Ezequiel, por me orientar nesse trabalho e por ter me proporcionado a ver a questão da leitura com outros olhos;

A todos os meus verdadeiros amigos, em especial às minhas amigas Erin, Fernanda, Flávia e Renata pelo apoio e incentivo ao longo da elaboração deste trabalho e durante minha graduação.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso discute os assuntos referentes às experiências docentes bem sucedidas com a leitura e ao processo de formação de professores para o ensino da mesma. Para aprofundar essa discussão, utilizamos como material de pesquisa as 48 edições publicadas da revista *Leitura: Teoria e Prática*, do período de novembro/1982 a junho/2006, buscando analisar se a mesma traz contribuições acerca dos nossos objetivos.

O trabalho divide-se em: Introdução, Objetivos, Referencial Teórico, Elementos de contextualização (Associação de Leitura do Brasil (ALB), O Congresso de Leitura do Brasil (COLE), A Revista *Leitura: Teoria & Prática* e Formato Tipográfico), Metodologia, Organização e Análise dos Dados (Formação docente para o ensino da leitura, Experiência de ensino da leitura bem sucedida) e Considerações Finais.

**Palavras-chave:** Revista *Leitura: Teoria & Prática*; Leitura; Formação de professores; Prática docente.

## ABSTRACT

This study, made as a demand for conclusion of the course, discusses the topics related to successful teaching experiences with reading and the process of developing into being teachers of reading. For further discussion, we have used as research material the 48 published editions of the *Leitura: Teoria & Prática* magazine, from November/1982 to June/2006, with the purpose of analyzing if such magazine is relevant and contributive to our goals.

The work is divided in: Introduction, Objectives, Theoretical Referential, Elements of Contextualization (Reading Association of Brazil (ALB), The Reading Congress of Brazil (COLE), The Magazine *Leitura: Teoria & Prática* and Typographic Format), Methodology, Organization and Analysis of Data (Teacher education for teaching reading, Successful experience of teaching reading) and Final Considerations.

**Key-words:** *Leitura: Teoria & Prática* Magazine; Reading; Teacher Education; Teacher Practice.

*“O ato de escrever (simbolizar) permite ao outro compartilhar daquilo que vi; ao ler (compreender), compartilho daquilo que o outro viu – é nesse situar-me contínuo que se coloca toda a busca do meu SER. Sou mais ser-ao-mundo através da comunicação e, portanto, da leitura.” (Ezequiel Theodoro da Silva)*

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	10
<b>2. Objetivos</b> .....	16
<b>3. Referencial Teórico – Formação do Professor</b> .....	17
3.1. O professor e a leitura de revistas.....	22
<b>4. Elementos de contextualização</b> .....	26
4.1. Associação de Leitura do Brasil (ALB).....	26
4.2. O Congresso de Leitura do Brasil (COLE).....	30
4.3. A Revista <i>Leitura: Teoria &amp; Prática</i> .....	31
4.3.1. Formato Tipográfico.....	33
<b>5. Metodologia</b> .....	36
<b>6. Organização e Análise dos Dados</b> .....	41
6.1. Formação docente para o ensino da leitura.....	46
6.1.1. Tabela 1 e Resumos.....	49
6.2. Experiência de ensino da leitura bem sucedida.....	58
6.2.1. Tabela 2 e Resumos.....	63
<b>7. Considerações Finais</b> .....	76
<b>Referencial Bibliográfico</b> .....	78
<b>Anexos</b> .....	84

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a discussão sobre a formação do professor de leitura e as práticas de ensino da leitura bem sucedidas. Para aprofundar esse tema, busquei, nas 48 edições publicadas da revista *“Leitura: Teoria & Prática”*, no período de novembro/1982 a setembro/2006, artigos que trataram desse assunto.

Meu interesse pela formação do professor de leitura se relaciona ao fato de eu não ter muitas recordações positivas de práticas de leitura em sala de aula durante a minha vivência escolar.

Estudei na Escola Estadual “Francisco Graziano”, localizada na cidade de Araras, interior do Estado de São Paulo. A instituição de ensino situa-se em um bairro antigo e tradicional do município. Frequentei esta instituição de 1991 a 2001 - da primeira série do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. Grande parcela dos alunos da minha idade estudou comigo durante todo este período, por esta instituição ser considerada uma “boa” escola pelos pais dos estudantes.

Durante a minha primeira etapa do ensino fundamental (de primeira a quarta série), a escola atendia a uma população bem diversificada, oriunda da zona rural e da zona urbana, esta última vinda da periferia e da parte central da cidade. Nesse período, a população que a escola recebia era a que estava cursando o ensino fundamental de oito anos. Na segunda etapa do ensino fundamental, no ano de 1996 (eu estava na sexta série), a escola passou a atender uma população menor: os alunos da primeira a quarta séries foram remanejados para outra instituição de ensino, localizada nas proximidades da mesma. Com isso, a escola passou a receber apenas os alunos de quinta a oitava série.

Apesar das alterações da população que freqüentava a escola, de um modo geral, no que tange à prática pedagógica dos professores, não vi nenhuma mudança significativa. Isso também atingia àqueles que davam aulas de português, pois poderiam trabalhar de forma diferenciada dos modelos tradicionais de ensino a leitura na escola. Posso afirmar que tenho poucas lembranças de momentos em que minhas turmas estiveram em contato com livros, com orientação do professor, durante a aula.

Recordo-me apenas da prática pedagógica da professora “tia Terezinha” da terceira série<sup>1</sup>. Ela nos levava uma vez por semana à biblioteca para retirarmos um livro para o lermos na sala de aula. Era um único momento em que a atenção da docente voltava-se exclusivamente à prática da leitura de seus alunos. Essa proposta era bem recebida pela turma e, de um modo geral, todas as crianças liam, cada um a sua maneira, mas participavam da atividade. Em sua mesa, a professora auxiliava os alunos que tinham dúvidas sobre aquilo que estavam lendo. Apenas não me recordo de a própria professora escolher um livro e lê-lo para nós.

Nas demais séries (primeira, segunda e quarta séries) da primeira etapa do ensino fundamental, as únicas lembranças que tenho são da cartilha e de textos curtos, que muitas vezes não apresentavam nenhum sentido para mim. Eu apenas repetia o texto que a professora lia. Dessa forma, ocorriam poucas reflexões sobre o conteúdo do material que estava sendo utilizado. Eu não compreendia a importância daquele momento, não entendia o verdadeiro significado da leitura.

A biblioteca da escola muitas vezes estava fechada devido à reformas (que eram constantes - não compreendia o porque de tanta reforma num espaço físico

---

<sup>1</sup> Inclusive, essa é a série de que tenho boas lembranças, inclusive da professora, pois ela fazia passeios conosco, propunha atividades diferenciadas em sala de aula, como a que citei neste trabalho.

tão pequeno como era) e/ou por não haver profissionais habilitados ou destinados para administrá-la. Nos momentos em que ela se encontrava aberta, os alunos podiam ficar apenas alguns minutos dentro da mesma, e era o tempo em que a professora da sala e a responsável pelo local achavam necessário para a retirada do livro que iríamos ler em casa.

Para além da experiência escolar, no meu ambiente familiar também não houve nenhum tipo de prática de leitura que fosse bem desenvolvida. Lembro-me apenas de ter ganhado poucos gibis e apenas um livro<sup>2</sup> – que era muito curto e seu conteúdo muito precário para a idéia que eu tinha na época (nove anos) – de meus pais. Com relação ao livro, meus pais não tiveram nenhum contato com ele, eu simplesmente o recebi e pronto!

Minha intenção não é culpar ou julgar meus antigos professores e meus pais por eu não ter recebido a atenção necessária na minha formação enquanto leitora. O que busco neste trabalho é compreender, através da pesquisa dos artigos presentes na revista “*Leitura: Teoria x Prática*” que tratam de práticas de ensino da leitura na escola, como atividades bem planejadas por profissionais da educação podem contribuir na constituição/formação de leitores e verificar também se aquele profissional (o professor) que trabalha com leitura em sala de aula tem ou teve alguma formação específica para lidar com seus alunos a questão do livro em classe, reconhecendo nessa prática sua importância.

Para trabalhar com leitura com os alunos é importante que o professor saiba onde ele está “pisando”, saiba de quem ele está falando, quais são os objetivos de determinado autor que está trabalhando, sua maneira de escrever, sua linha de

---

<sup>2</sup> Se a memória não me falha, o nome do livro era “*Aquarela*”. Ele era bonito e alegre, mas a história muito simples e curta.

escrita, em qual época viveu. É preciso que o professor conheça o material com o qual irá trabalhar em sala de aula.

Para que o professor possa desenvolver um trabalho em que se busque formar um leitor, é preciso que ele mesmo seja um leitor, que goste, tenha prazer e satisfação na leitura. LAJOLO (1991) fala sobre a importância do professor em ser um leitor assíduo e comprometido com o ato de ler:

O primeiro requisito, portanto, para que o contato aluno/texto seja o menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor. Que goste de ler e pratique a leitura. (LAJOLO, 1991: 54)

Ouçõ de muitas pessoas histórias sobre experiências positivas que tiveram durante o período escolar, essas que muitas vezes estavam relacionadas às práticas de seus antigos professores. Pergunto-me se tais práticas pedagógicas dos docentes estavam vinculadas a algum tipo de formação anterior, mais especificamente, durante o curso de graduação dos mesmos. Será que os cursos superiores oferecem esse tipo de qualificação em sua grade curricular? Ou, será que existe algum curso/cursos durante a formação continuada que trabalhe tal temática?

SILVA (2002) nos diz sobre a necessidade de uma visão mais coerente sobre o ato de ler por parte dos envolvidos com a educação, principalmente com a educação do povo. Como o próprio autor diz, é importante que o professor seja um bom leitor, que saiba trabalhar criticamente o material escrito, pois *“(...) para orientar a leitura, o professor tem de ser leitor, com paixão por determinados textos ou autores e ódio por outros.”* (SILVA, 2002: 14) O professor deve ter uma posição crítica diante dos textos, para que assim possa fazer boas escolhas e trabalhar de forma efetiva com seus alunos os mesmos que escolher para discutir e desenvolver em sala de aula.

É necessário que os professores se envolvam com aquilo que estão transmitindo, que conheçam o que desejam transmitir aos seus alunos, pois valores e ideais normalmente estão nas entrelinhas de um texto, exigindo dos docentes que tenham uma visão crítica diante do material escrito a ser trabalhado com seus alunos. Novamente fazendo uso das palavras de SILVA,

[...] a boa leitura é aquela que, depois de terminada, gera conhecimentos, propõe atitudes e analisa valores, aguçando, adensando, refinando os modos de perceber e sentir a vida por parte do leitor. (SILVA, 2002: 6)

Neste contexto, reconhece-se que o papel do professor é fundamental na constituição do leitor, pois ele é uma importante figura no processo de ensino-aprendizagem do aluno.

É interessante salientar que as práticas de leitura não ocorrem apenas em ambientes escolares, mas também em contextos extra-escolares: como na família, entre os amigos, na biblioteca da cidade, na rua (no contato no dia-a-dia com o mundo letrado), enfim, em diversos contextos, os quais podem contribuir para o desenvolvimento do hábito de ler. Entretanto, apesar de existirem outros locais em que a prática da leitura pode ocorrer, não há a garantia de que TODOS os alunos terão oportunidade de ter contato com a leitura, principalmente com a literatura. Assim, a educação pública, sendo dever do Estado, conforme estabelece a LDB 9.394/96, em seu Artigo 4º, garante “*ensino fundamental, obrigatório de gratuito*”. A escola, portanto, conforme salienta SILVA, é o “*único reduto onde a leitura ainda tem a chance de ser desenvolvida*”. (2002: 7)

Nesse sentido, a relevância dessa pesquisa nasce de um desejo de contribuir para o refinamento da prática docente, para que esta esteja preocupada com a

constituição/formação de futuros leitores, uma vez que a leitura é considerada uma competência fundamental para o desempenho escolar, à participação no mundo letrado e ao exercício pleno da cidadania.

## **2. OBJETIVOS**

### **Geral**

Identificar, nas 48 edições publicadas da revista “*Leitura: Teoria & Prática*”, artigos (relatos, estudos, pesquisas, etc) que tratem do tema referente à leitura na escola, enfocando experiências docentes bem sucedidas e processo de formação de professores para o ensino da leitura.

### **Específicos**

Caracterizar cenários e tendências sobre:

- ensino de leitura, observando como ele tem sido apresentado através de seus artigos, ao longo dos 25 anos de publicação da revista;
- formação docente para o ensino da leitura durante a formação básica e a formação continuada.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO - FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Lutar contra as amarras do cotidiano, pela prática da reflexão e reflexão da prática, deveria se transformar em hábito para todos os educadores. (Editorial. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Nº 37, 2001)

Em seu texto “*O passado e o presente dos professores*”, NÓVOA (1995) aponta que apesar da estatização do ensino, em que um corpo de professores religiosos (sob o controle da Igreja) dá lugar ao um corpo de professores laicos (sob o controle do Estado), não houve mudanças significativas nas motivações, normas e valores originais da profissão docente, ela se manteve muito próxima ao modelo anterior, parecida com a de um padre.

A gênese da profissão professor pode ser vista no seio de algumas congregações religiosas que, posteriormente, se transformaram em verdadeiras congregações docentes. Assim, no seu início, a função docente “*desenvolveu-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens.*” (NÓVOA, 1995: 16). Durante os séculos XVII e XVIII, os jesuítas e os oratorianos mudaram um pouco a configuração que existia sobre a educação, eles “[...] foram aos poucos configurando um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e de valores específicos da profissão docente.” (Idem) O *corpo de saberes e de técnicas* constituía de um saber técnico, em que se organizava em torno dos princípios e das estratégias de ensino, quase sempre produzido no exterior do “mundo dos professores”, normalmente por teóricos e especialistas. O *conjunto de normas e de valores* foi influenciado pelas crenças e atitudes morais e religiosas; no início, os docentes aderiram a uma ética e a um sistema normativo religiosos, porém, quando a missão de educar é substituída

pela prática do ofício e a vocação passa a ceder lugar à profissão, as motivações originais não desaparecem.

NÓVOA (1995) afirma que os professores são agentes políticos, pois eles são funcionários, mas de um tipo particular, uma vez que suas ações estão baseadas numa forte intencionalidade política, com os projetos e as finalidades sociais a que são destinados. A escola, se impondo como instrumento privilegiado da estratificação social, faz com que os professores passem a ocupar um lugar nos percursos de ascensão social, personificando a crença de que é possível a mobilidade das diferentes camadas sociais da população. Assim, além de “*agentes culturais, os professores são também, inevitavelmente, agentes políticos.*” (NÓVOA, 1995: 17)

Para que a atitude política dos professores seja constante – principalmente quando o foco do ensino for a leitura –, é preciso que exista permanentemente o sentido crítico, para que eles proporcionem aos alunos a vivência de forma crítica e a atitude enquanto sujeito de uma teoria e de uma história da literatura de seu povo. Caso isso não ocorra, a literatura não cumprirá sua função maior no contexto, se não da escola, ao menos da formação do indivíduo livre. (LAJOLO, 1991: 62) O professor, através de seu sentido crítico, reflete uma postura de agente político, preocupado com o bem estar e a promoção social daqueles a quem educa (NÓVOA, 1995)

Em sua obra “*O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*”, SILVA (2002) diz que é importante que os professores tenham consciência de seu papel com a educação do povo, percebendo a necessidade de sua formação como leitores críticos do material escrito. O autor reconhece a

importância que os cursos devem ter em preparar seus estudantes para o aprendizado da leitura.

Reconhecendo o papel da leitura na formação do indivíduo/cidadão, observa-se que ela é uma das vertentes mais importantes da educação com que os professores devem se preocupar, pois ela é parte integrante e fundamental da vida humana. As relações entre homem-mundo somente são possíveis de serem realizadas quando existem as diferentes linguagens (tais como: oral, musical, escrita, corporal, etc.), essas que mediam as situações de comunicação do que já foi produzido pelo homem. Com o advento da escrita, ocorre o favorecimento da difusão e o alcance do discurso, e o homem passa de ouvinte a leitor (SILVA, 2002: 63), podendo utilizar o material escrito para refletir sobre sua realidade através da leitura.

Considerando que escrever e ler são atos complementares, ou seja, em que um não pode existir sem o outro, o ato de ler “(...) *envolve uma direção da consciência para a expressão referencial escrita, capaz de gerar pensamento e doação de significado*” (SILVA, 2002: 64) A escola, neste contexto, tem a função de preocupar-se também com a escrita. Nesse trabalho não iremos abordar especificamente os problemas referentes à escrita, entretanto não desconsideraremos sua importância no ambiente educacional, pois a escola, instituição formal, objetiva facilitar a aprendizagem não apenas do ouvir e falar, mas principalmente do escrever e ler.

Dentro do que foi dito anteriormente, reconhece-se a importância do papel do professor. Grande parcela dos docentes brasileiros tem tido comportamentos de apatia, estagnação e acomodação, o que indica que “*muitos professores não vêem aquilo que, por responsabilidade, deveriam ver. Ou melhor, não sabem aquilo que*

*deveriam saber*” (SILVA, 2002: 7) Muitas vezes os docentes desconhecem ou se fecham para reconhecer a importância que sua figura representa no processo de aquisição de um conhecimento ou de práticas (como as de leitura) pelo estudante. Ignoram o compromisso social que podem exercer na formação de um cidadão, uma vez que todo ser humano pode ser ajudado pelo livro – e, também pelo professor, peça fundamental no primeiro contato aluno-texto - possibilitando a capacidade de aumentar sua crítica e proporcionando o aprendizado nas escolhas daquilo que é produzido pelos meios de comunicação. (BAMBERGER, 1986: 12)

Para LAJOLO (1991), é importante que o professor não seja um mau leitor, mas que goste de ler e pratique a leitura. Dentro do que foi dito, pergunta-se: Será possível apresentar a satisfação pelo ato de ler ao aluno se o próprio professor não tem o hábito leitura e desconhece os benefícios de tal prática?

Sendo exemplo vivo de leitor – aquele que gosta do que faz, que tem respeito pelo que pratica –, os resultados em sua prática, enquanto formador de futuros leitores, serão mais satisfatórios. Compreendendo e reconhecendo a importância de ser um bom leitor, a sua prática certamente estará caminhando juntamente com o que acredita e faz.

Se o professor realmente deseja que o aluno melhore sua leitura é necessário que ele exponha-o a uma gama variada de textos, observando que isso não se refere à memorização ou velocidade de leitura, mas sim aos níveis sucessivos e simultâneos de significados que o leitor (aluno) constrói para o texto. No contato com diversos textos, o professor propicia aos alunos a possibilidade de manuseá-los, a fim de que façam a escolha daquele que mais lhe interessa.

Além da possibilidade de selecionar o que mais lhe agrada, o aluno passa a (re) significar os textos que excluiu, dando outros valores e representações às

diferentes publicações. Em outras palavras, quando o aluno exclui um livro, para escolher outro em seu lugar, ele estabeleceu critérios na seleção do último e para a exclusão do primeiro. Portanto,

(...) ler não é decifrar o sentido de um texto, mas sim atribuir significação, reconhecendo nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1991: 59)

Para SILVA (2002), a educação é a transformação do homem e do mundo. De acordo com SILVA, para que esta transformação ocorra é preciso que o homem pratique em sua vida o exercício dialético da libertação. Tomando consciência da sua necessidade, o ato de ler ganha sua significação maior e primeira. Homem e mundo configuram-se num contexto histórico e cultural, em que um mundo não se esgota ou abarca todos os mundos, pois o mundo presente não é a única possibilidade. Nesse momento, entra a importância da literatura, vinda juntamente com a leitura no ambiente escolar, pois ela propicia possibilidades de conhecer outros horizontes, alargando as formas de ver o mundo, além de permitir a entrada e participação no mundo da escrita. Por fim,

[...] a boa leitura é aquela que, depois de terminada, gera conhecimentos, propõe atitudes e analisa valores, aguçando, adensando, refinando os modos de perceber e sentir a vida por parte do leitor. (SILVA, 2002: 6)

### 3.1. O PROFESSOR E A LEITURA DE REVISTAS

O professor lê revistas periódicas? Se sim, quais ele lê? É importante que ele leia revista periódica? Quais os estilos de revista ele lê? Qual instituição ou editora publica essas revistas? Quem são os autores dos artigos publicados? Qual a formação acadêmica desses autores, caso eles a tenham? Qual a objetividade científica do que é publicado nas revistas que o professor lê? De onde vem a divulgação das revistas que o professor lê?

A leitura é um instrumento civilizatório de reflexão e compreensão da realidade pelo homem, pela qual ele pode se tornar sujeito da história de seu tempo, através da análise dos registros/documentos que são veiculados pela escrita (SILVA, 2001: 17). Através dessa colocação de SILVA, podemos trazer reflexões acerca da importância que os revistas/periódicos têm no cotidiano dos professores, estendendo-se até sua prática docente.

Para que o professor possa fazer uma leitura crítica dos textos que são publicados por diferentes revistas que circulam em nosso país é fundamental que ele próprio seja um leitor assíduo, comprometido em compreender e analisar aquilo que lê.

Percebemos que muitas são as revistas veiculadas no país<sup>3</sup> que tratam de assuntos referentes à educação, mas poucas publicam artigos com embasamento científico, o que acaba por gerar uma produção muitas vezes vaga, sem uma fundamentação teórica para os problemas levantados pelos artigos. Assim, os professores, que não possuem uma formação que os possibilite fazer uma leitura crítica do material em circulação, acabam entrando nesse universo de publicações,

---

<sup>3</sup> Tais como: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Nova Escola, Sala de Aula, Projetos Escola, Pensadores, Pró-Posições, Leitura: Teoria & Prática, etc.

sendo enganados por esse material impresso, despreocupado com a objetividade do que divulga.

Notamos que algumas das revistas que normalmente circulam entre os professores são de caráter popular, sendo sua obtenção de fácil acesso àqueles que desejarem. Não desconsideramos que “boas” revistas estejam presentes no acervo desses professores, mas não há como negar que as citadas anteriormente deixem de estar também. Pergunta-se: como o professor pode fazer a leitura crítica de um artigo se ele não tem objetividade científica? Além disso, a editora que publica essa revista é filiada a alguma instituição ou fundação preocupada com a pesquisa? Estes são fatores importantes que devem ser levados em consideração na seleção de periódicos indicados para a leitura dos professores.

Outro ponto que deve ser discutido se refere à legitimidade da revista, se sua existência é aceita ou não na academia. Nesse embate, do que é legítimo ou não, há a existência de conflitos, movimentos de resistência e rupturas, o que acaba gerando disputas de poder no campo das práticas culturais. Através dessas disputas, passa haver a classificação e categorização das práticas de leitura que o professor tem de revistas, legitimando e desqualificando-as. Essa legitimação da revista ocorre porque alguém ou alguma instituição é designada a cumprir essa função. (Guedes-Pinto, 2000)

Devido à pluralidade de revistas que existem em circulação, é possível que exista um processo de qualidade de troca entre as revistas, construindo uma relação de interação de qualidade entre as diferentes revistas. Porém, pode haver casos de publicações sobre alguns assuntos de maneira errônea em uma determinada revista; outra revista, julgando correto o que fora publicado naquela, retorna a publicar o que não deveria estar em circulação, o que não deveria estar em contato

com os professores. A partir daí, é travado o grande conflito sobre a objetividade/veracidade do que é publicado em algumas revistas de circulação nacional.

Com base no que fora dito acima, percebe-se que a leitura, também a de revistas, tem sua função social a cumprir: informar o indivíduo alfabetizado com conteúdos confiáveis, academicamente aceitos.

Antes de dar continuidade, é fundamental observar que os professores também produzem seus conhecimentos no cotidiano escolar. Eles também são produtores de práticas e de textos. Com isso, queremos deixar claro que não estamos negando a existência de tais práticas e textos, mas nesse trabalho pesquisamos a revista *Leitura: Teoria & Prática*, analisando-a com o objetivo de trazer contribuições ao professor, tanto em sua formação, quanto na sua prática pedagógica.

As funções sociais da leitura estão amarradas ao processo de conscientização dos brasileiros e aos seus movimentos de luta pela sociedade contemporânea, sendo um instrumento de combate à ignorância e alienação. Assim, “[...] a leitura é um importante instrumento de libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade.” (SILVA, 2001: 11) A leitura é um processo interativo em que os sujeitos lêem à medida que vão sentindo e vivenciando as variadas situações que a vida lhe exige “ler”, pois ler não se restringe ao código impresso, mas a qualquer outro estímulo que transmita significado, que tenha algum sentido ao leitor, observando que o sentido é construído na prática, caracterizando uma relação direta com a vida das pessoas. (GUEDES-PINTO, 2000: 77)

A leitura de artigos pelos professores pode contribuir para a sua formação enquanto docente e, principalmente, pode torná-los cada vez mais críticos perante aquilo que lêem, de tal forma que proporcione a fazerem escolhas de revistas que vão ao encontro dos objetivos de sua vida profissional e as que têm legitimidade no que publicam.

Considerando as contribuições da leitura de revistas ao professor, podemos nos deter na seguinte reflexão: toda ação pedagógica é precedida de algum tipo de reflexão, baseada sempre em alguma prática ou leitura que a antecede. Para que a ação do professor possa ser a mais eficaz possível, é importante que ele pesquise, faça uso da leitura, qualificando, através deste instrumento, melhor sua ação pedagógica teoricamente.

## **4. ELEMENTOS DE CONTEXTUALIZAÇÃO**

### **4. 1. ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL (ALB)**

Antes de apresentarmos a história do nosso objeto de estudo, a revista *Leitura: Teoria & Prática* (L: T&P), fizemos um breve levantamento histórico da Associação de Leitura do Brasil (ALB), responsável pela elaboração e divulgação da revista L: T&P.

Para realizarmos esse trabalho, nossos referenciais foram a dissertação de mestrado da Ivana Alves Lima Quinaglia, orientada pelo Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, no de ano 2006, e o artigo de Lílian L. M. Silva, “A Revista Leitura: Teoria e Prática e o Professor – Um leitor em formação”, contido no livro “Leituras do Professor” (1998).

Tanto a ALB quanto a revista *Leitura: Teoria & Prática* nascem com o objetivo de publicar trabalhos voltados para a produção acadêmica e para as práticas em sala de aula, essa característica de interface é o propósito inicial de seus organizadores.

A ALB surge na Faculdade de Educação da UNICAMP, na maior parte de sua história, foi dirigida e coordenada por professores dessa universidade. Devido à característica de interface, a revista foi adotada, muitas vezes, pelo MEC, sendo comprada e distribuída para as escolas e bibliotecas dos municípios, não se centrando apenas no ambiente acadêmico.

A década de 70 influenciou os propósitos da ALB, pois essa década foi marcada por inúmeros projetos e iniciativas na defesa e difusão da leitura do país,

tanto pela realização de congressos, publicações de livros e revistas que discutiam a promoção da leitura na sociedade brasileira. Em 1981 surge a ALB, com o objetivo de lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro e para

[...] promover o debate crítico da leitura, desenvolvendo estudos e pesquisas, organizando seminários e congressos, publicando livros e revistas. Congrega pessoas interessadas no estudo e discussão de questões relativas à leitura, nos aspectos teóricos e práticos. (BRITTO, 2004, [www.alb.com.br](http://www.alb.com.br), *apud.* QUINAGLIA, 2006: 23)

A primeira gestão foi assumida por Ezequiel Theodoro da Silva, estendendo-se até 1987, ano em que Wanderlei Geraldi assumiu o cargo. No decorrer de 1982, foram elaborados os Estatutos da Associação de Leitura do Brasil - ALB pelo comitê provisório, indicado um ano antes para presidir temporariamente a Associação (SILVA, 1998, p. 146). Esses foram submetidos a uma primeira apreciação dos associados no N° Zero da revista, lançado em novembro de 1982, e foram submetidos à discussão e aprovação dos associados durante o 4º COLE, em 1983 (QUINAGLIA, 2006, p. 24). Nesse momento, ficou estabelecido que a Associação teria por finalidade *“lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro desenvolvendo pesquisas e estudos sobre os diversos aspectos da leitura.”* (idem) Ficou estabelecido, também pelos estatutos, que a ALB efetivaria o Congresso de Leitura do Brasil, o COLE, e a publicação da revista Leitura: Teoria & Prática.

A revista L: T&P é de distribuição nacional, tendo repercussão no meio acadêmico e escolar, reunindo textos que discutem as condições de leitura na escola, as diferentes práticas pedagógicas e os textos que apontam para outras possibilidades de ação.

A administração da ALB é exercida pelos seguintes órgãos: Diretoria (coordenador e executivo, com seis membros e dois anos de mandato), Colegiado de Representantes (representantes dos grupos regionais de estudo e pesquisa) e Conselho Consultivo (composto por 20 membros: professores, bibliotecários, editores, livreiros, todos selecionados pela diretoria, com vigência de dois anos). Esse Conselho deve atender às diferentes consultas da Diretoria e divulgar os trabalhos da ALB.

A sede da Associação de Leitura do Brasil fica no prédio Anexo II da Faculdade de Educação da Unicamp, Cidade Universitária “Dr. Zeferino Vaz”, em Campinas, Estado de São Paulo.

QUINAGLIA (2006, p. 24 – 25) diz ser possível observar dois momentos importantes de atuação da ALB. O primeiro, em que ela se apresenta como um instrumento de luta pela difusão da leitura, em um país repressivo e autoritário devido aos anos do militarismo, em que por meio dos AIs (Atos Institucionais), foi inibido e reprimido a liberdade de expressão; com isso, a ALB tinha, como foco principal, o resgate do direito à produção e da divulgação do texto impresso. A leitura, nesse momento, era vista como o caminho para o homem encontrar o conhecimento e libertá-lo de sua ignorância:

Nascidos nos anos 70, a Associação de Leitura do Brasil e o (COLE) Congresso de Leitura do Brasil formaram-se no interior da luta pela redemocratização do país e foram importantes instrumentos de garantia do direito à palavra e veículo de expressão de diversos segmentos sociais [...] (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, [www.alb.com.br/perfil.Php](http://www.alb.com.br/perfil.Php), acesso em 15/07/2007)

Assim, na primeira fase da ALB, o discurso que prevalece é o da democratização da leitura, sendo que para que isso ocorra é fundamental a transformação da escola, de modo que os educadores levem seus estudantes a desfrutar criticamente os textos.

Nos anos 80, com as influências do período político-social em que o Brasil passava, a ALB ocupou um espaço significativo no campo das discussões sobre leitura e seu acesso nas políticas de promoção da leitura e, por essa razão, tem um grande reconhecimento pelo público atualmente. O COLE também se tornou um grande espaço para debate das questões sobre a leitura no país, pois na década de 80 não havia muito espaço para esse tema.

O segundo momento na história da ALB e da L: T&P, definido por QUINAGLIA (2006), estava voltado para a reflexão e análise das práticas e concepções de leitura. A partir da conquista da liberdade de expressão, a ALB e a L: T&P visam a alcançar novas metas, que busquem uma nova direção e um novo sentido para o debate sobre práticas de leituras no Brasil, suas relações com a cultura, com as artes, com a política e com a educação. A questão agora não é mais como divulgar e promover a leitura, mas garantir o acesso efetivo da maioria da população à cultura e à educação.

[...] A ALB é um espaço privilegiado de análise e crítica das condições de leitura no país e lugar de luta pela efetiva garantia do exercício da cidadania pela maioria excluída. ([http://www.alb.com.br/pag\\_historia.asp](http://www.alb.com.br/pag_historia.asp), acesso em 02/07/2007)

## **4. 2. CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE)**

Bienalmente, a ALB promove o COLE, Congresso de Leitura do Brasil, que aborda temas reflexivos que levam ao debate e envolvem participantes de várias partes do Brasil, preocupados e interessados pelo tema da leitura no país. Atualmente, o COLE é visto como um dos mais tradicionais eventos culturais do Brasil.

O fundador e um dos organizadores do 1º COLE foi o Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva. A motivação do contexto histórico que viveu no Brasil nas décadas de 70 e 80 (final da Ditadura Militar, anistia aos presos políticos e movimento das Diretas Já), fez com que ele considerasse necessária a existência de um espaço para discutir a importância da leitura, no aspecto técnico e político, em um país que lutava pela democracia política. Em 1978, inspirado na ideia da realização de uma feira do livro e da 1ª Conferência para Bibliotecários (COBI), surge o COLE, que desde seu princípio recebeu uma considerável aceitação (QUINAGLIA, 2006).

No 1º Congresso de Leitura (COLE) era defendido o direito de ler sem censura, a liberdade de expressão e a difusão do livro.

Em 1979, foi realizado o 2º COLE, encontro em que houve a quantidade de participantes em número duplicado em relação ao anterior. Tal constatação deu indicativos de que o interesse em discutir as questões relacionadas à leitura aumentou de um primeiro congresso a outro.

Foi constatado que o COLE se tornou um dos poucos espaços que deu voz aos professores que, vindos de diferentes partes do Brasil, reuniam-se para fazer apresentações e trocar experiências.

As metas dos Congressos de Leitura do Brasil são a de que eles sempre se orientem na conquista de uma comunidade leitora, em que as pessoas exerçam práticas de leitura enquanto um direito de cidadania, fazendo uso dos bens materiais e culturais produzidos socialmente, e que se faça luta política pela a solução dos problemas e a superação das contradições existentes na esfera da leitura, cultura e educação escrita no contexto brasileiro. ([http://www.alb.com.br/pag\\_cole.asp](http://www.alb.com.br/pag_cole.asp), acesso em 02/07/2007)

#### **4.3. REVISTA *LEITURA: TEORIA & PRÁTICA***

Leitura: Teoria e Prática [...] nasce com o propósito principal de servir como veículo para a comunicação e o intercâmbio entre aqueles que se preocupam com os problemas de leitura em nosso país. Destina-se, mais especificamente, a todos aqueles que desejam lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro, através de um trabalho coletivo e transformador. (Editorial, N<sup>o</sup>. Zero, 1982)

A primeira publicação da revista *Leitura: Teoria & Prática*, o número zero, ocorreu em novembro de 1982. O editorial dessa primeira publicação apresentava que a revista pretendia lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro, através de um trabalho coletivo e transformador, motivado pelos movimentos que buscavam o fim da ditadura militar. Seu objetivo era de ser um fórum semestral de debates, reservando aos seus leitores espaço para relatar suas experiências práticas e teóricas.

Na revista de número zero é feita uma homenagem a Paulo Freire através de uma entrevista, preparada por Ezequiel Theodoro da Silva, então presidente da ALB. Freire discute a questão da leitura em nosso país e a trata com seriedade, responsabilizando-a pela formação do indivíduo: *“Eu não leio para formar-me, eu me formo também lendo”*. Freire finaliza sua entrevista propondo uma leitura libertadora, não mais autoritária, a qual o período anterior impunha.

*Leitura: Teoria & Prática* é uma revista acadêmica da área da educação. Como já foi dito anteriormente, é produzida pela ALB e, desde seu início, assumiu o compromisso semestral de apresentar debates e trocas de experiências práticas e teóricas relacionados à leitura. *L: T&P* possui um conteúdo variado, englobando *“[...] artigos, entrevistas, relatos de experiências, representações de leitura, textos literários entre outros”* (QUINAGLIA, 2006), e foi um significativo instrumento de luta pela democracia da palavra e da leitura.

Desde o início até os dias de hoje, a revista apresentou novos estudos na área da leitura, possibilitou que novas discussões sobre o tema fossem divulgadas e apresentou relatos de experiência com trabalhos que envolviam a leitura em sala de aula.

Segundo SILVA (1998), no primeiro editorial, o Conselho Editorial da revista *L: T & P* foca como público-leitor o professor, pois para o Conselho esse era um personagem que estava anônima e cotidianamente empenhado na luta pela democratização da leitura.

[...] Nosso modo de dizer os professores, tanto nos estatutos quanto no editorial, é permeado de imagens fortes do profissional disposto a engajar-se, do cidadão em processo de organização/mobilização, de alguém que, a despeito do isolamento e da falta de reconhecimento, agia em favor da leitura. (SILVA, 1998: 148)

#### 4.3.1. FORMATO TIPOGRÁFICO

Baseando-se nos pressupostos teóricos de Chartier, temos consciência de que o formato e a materialidade de um texto podem afetar seu sentido. Além disso, para Chartier, os procedimentos de produção de um texto são diferentes de um livro, pois pertencem à impressão, uma vez que o editor – livreiro é quem decide as formas tipográficas como: fonte, cor, disposição, divisão do texto, entre outras coisas mais. (*apud*. QUINAGLIA, 2006: 31)

Com base no que foi dito acima, nesse tópico abordaremos algumas mudanças que ocorreram na tipografia da revista ao longo das 49 publicações da revista *Leitura: Teoria & Prática*, para compreendermos as fases que a revista passou. Ao que tudo indica, essas mudanças foram influenciadas pelo Conselho Editorial e pelo público que desejava atingir.

A revista é dividida em diferentes seções, e foram estas que passaram por algumas mudanças ao longo da história. Possivelmente, essas mudanças são decorrentes dos seus diferentes Conselhos Editoriais, pois estes viam de maneira diferenciada como os textos deveriam ser publicados. Ao longo das publicações, algumas seções foram renomeadas, alguns os textos reclassificados, passando a fazer parte de outras seções, e o suporte da revista sofreu algumas alterações.

Em relação ao formato, fez-se opção pela forma quadrada, diferenciando do outros periódicos que já circulavam entre a sociedade (SILVA, 1998). Este formato permanece até hoje e ainda é diferente dos veículos que circulam no Brasil.

Havia preocupação em distanciar-se das características de um texto acadêmico, com a preocupação em atingir uma grande maioria de pessoas, e não uma minoria elitizada, o que acontece comumente nos trabalhos acadêmicos. Com isso, objetivava-se que aqueles que tinham pouco contato com os discursos teórico e acadêmico, também se sentiriam chamados a participar desse meio, através do conteúdo transmitido nesse formato da revista. Com o formato diferenciado da revista L: T&P, o leitor idealizado, pelo menos no início das publicações, é o professor que, mesmo graduado, não é um pesquisador e não está habituado com os textos acadêmicos.

Os textos eram confeccionados em uma, duas ou três colunas por página, com destaque para os títulos que aparecem em letras maiores e em negrito.

Com o passar do tempo de publicação, começa a ser presente resumos e *abstracts* no início de cada artigo.

De acordo com QUINAGLIA (2006), as folhas internas a revista são de papel sulfite comum; nelas aparecem diferentes imagens (cartuns, caricaturas, abstratas, modernas, poesias concretas, não havendo cores), além dos textos escritos, estas que representam a intenção do Conselho Editorial da revista, que, supostamente, seria o de conquistar um leitor não acostumado com páginas e páginas de escrita, sendo a ilustração um meio de atração, proporcionando outros tipos de diálogos com o texto. Em alguns momentos, ao longo de sua publicação, a combinação textos e imagens são de quantidade variável. Inicialmente, parece haver a intenção de o

conselho Editorial em evitar o adensamento da escrita, ampliando a quantidade de ilustração e de espaçamentos, tendo presente textos bem humorados, possivelmente orientados pela imagem do leitor a que se dirigia.

A seleção dos textos para compor as seções não era e não é feita aleatoriamente; ela passa por uma decisão política, que toda escolha demanda.

O material selecionado visa servir de embasamento para a reflexão sobre o tema da leitura, observando também que o objetivo era proporcionar um espaço de revisão e renovação das teorias e práticas relacionadas à leitura.

Nos primeiros números da revistas (00 a 13 – 1982 a 1989) havia as epígrafes e os comentários, que eram de responsabilidade da equipe editorial, esta que tinha por objetivo facilitar e orientar a leitura dos textos, de um leitor ainda inexperiente. São textos pequenos com letras em negrito e menor, localizados abaixo do título e à esquerda. Também buscam ir ao encontro desses objetivos as chamadas, estas que facilitavam a leitura e a classificação dos textos.

A partir da revista 41 os textos trazem resumo, abstract e palavras-chave dos próprios autores do texto, aproximando do modelo dos trabalhos acadêmicos, evidenciando, dessa forma, a existência de um leitor acadêmico. Além disso, o fato de a revista estar presente nas referenciais bibliográficos de monografias de conclusão de curso, nas dissertações de mestrado, nas teses de doutorado nas áreas de educação, linguagem e leitura, mostra que existe um leitor acadêmico da revista L: T&P.

Da edição 42 até a última publicação da L:T&P a Editora Global passa a fazer parceria com a ALB em suas edições e elaboração da revista. Antes, era a Editora Mercado Aberto Ltda. que fazia o projeto gráfico, editoração e revisão e impressão.

## **5. METODOLOGIA**

Na coleta do material de estudo desse trabalho de conclusão de curso, fui até a sede da ALB, localizada na Faculdade de Educação da Unicamp, por sugestão do professor Ezequiel Theodoro da Silva, para retirar todas as edições publicadas da revista *Leitura: Teoria & Prática* entre os anos de 1982 e 2007. Conversei com Luci, secretária da ALB, para informar-me se o professor Ezequiel havia dito a ela que eu estava indo buscar o material na sede. Ela confirmou que sim e entregou-me todo o material.

Levei as edições da L: T&P para a casa, para que eu pudesse manuseá-las e ver quais artigos iriam contribuir na minha pesquisa.

O processo de seleção do material ocorreu em quatro momentos:

1. Passagem rápida, através de uma leitura breve de todas as seções e dos títulos dos textos nas 48 publicações da revista *Leitura: Teoria & Prática*, para identificar quais poderiam iriam ao encontro dos objetivos específicos desse trabalho (experiências docentes bem sucedidas e processo de formação de professores para o ensino da leitura). Nesse primeiro momento buscou-se ter uma visão panorâmica do que as edições da revista apresentavam;

2. A fim de selecionar os textos que iriam ser utilizados nessa pesquisa, uma segunda passagem por todos os textos publicados pela revista L: T&P, mas dessa vez realizando uma leitura dinâmica dos textos: foi lido o título, a introdução/início, o desenvolvimento e a conclusão/considerações finais de cada texto publicado nas 48 edições da revista, para saber se aquele material era pertinente ao trabalho;

3. Após a seleção dos textos que iriam ser trabalhados, uma leitura detalhada de cada texto foi realizada, objetivando perceber quais eram as contribuições que cada texto selecionado oferecia ao recorte que estava sendo feito dos textos publicados pela L: T & P;

4. Resumo dos artigos selecionados para o trabalho, buscando identificar e apontar as idéias defendidas pelos autores dos textos publicados. Nos resumos dos artigos selecionados está contido o objetivo principal, a metodologia/procedimento para abordar o problema proposto, o instrumento teórico, técnicas, sujeitos e métodos para a obtenção dos dados colhidos, os resultados e/ou as conclusões.

5. Análise de todo o material coletado, buscando compreender as relações existentes entre a formação de professores para o ensino da leitura e as experiências docentes bem sucedidas com a leitura.

As seções que entraram na seleção dos textos utilizados nesse trabalho foram: *Estudos, Artigos, Pesquisas em Andamento, Pesquisas Concluídas, Experiências, Pesquisas, Cotidiano, Relato de Experiência, Depoimentos e Leituras Críticas*. Não fizeram parte da seleção dos textos selecionados as seguintes seções: *Resenhas, Opinião, Leituras, Notas, Divulgação, Editorial, Representações de Leitura, Entrevista, Leituras pelo Mundo, Textos Literários e Imagens de Leitura*. Relembramos que algumas dessas seções, como dito anteriormente, foram renomeadas ao longo dos 25 anos de publicação da revista *Leitura: Teoria & Prática*.

Ao todo foram analisados 329 textos nas 48 edições publicadas da revista.

Segue abaixo a quantidade de textos que foram selecionados em cada número da revista.

Número	Quantidade	Número	Quantidade	Número	Quantidade	Número	Quantidade	Número	Quantidade
<b>0</b>	6	<b>10</b>	8	<b>20</b>	4	<b>30</b>	6	<b>40</b>	8
<b>1</b>	7	<b>11</b>	6	<b>21</b>	5	<b>31</b>	7	<b>41</b>	8
<b>2</b>	6	<b>12</b>	5	<b>22</b>	5	<b>32</b>	8	<b>42</b>	9
<b>3</b>	6	<b>13</b>	4	<b>23</b>	9	<b>33</b>	6	<b>43</b>	9
<b>4</b>	6	<b>14</b>	5	<b>24</b>	11	<b>34</b>	8	<b>44</b>	8
<b>5</b>	6	<b>15</b>	6	<b>25</b>	6	<b>35</b>	10	<b>45</b>	9
<b>6</b>	7	<b>16</b>	5	<b>26</b>	6	<b>36</b>	10	<b>46</b>	8
<b>7</b>	7	<b>17</b>	4	<b>27</b>	4	<b>37</b>	5	<b>47</b>	7
<b>8</b>	9	<b>18</b>	7	<b>28</b>	6	<b>38</b>	7	<b>48</b>	7
<b>9</b>	6	<b>19</b>	4	<b>29</b>	6	<b>39</b>	7		

Notamos que eram poucas as publicações na revista que tratavam do nosso tema de pesquisa (experiências docentes com leitura bem sucedidas e da formação do professor para o ensino da leitura). Poucas publicações iam exatamente ao encontro do que procurávamos encontrar. Foi feita uma análise tangencial dos textos publicados pela revista *Leitura: Teoria e Prática*. Não desconsideramos que possa haver, em uma análise mais aprofundada de cada texto, mais contribuições vindas da revista *L: T&P* sobre formação docente para o ensino da leitura e experiência de ensino da leitura bem sucedida, porém nosso objetivo era encontrar publicações que tratassem diretamente do que buscamos nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

Em uma parcela significativa dos textos, o título dava falsos indicativos sobre o que o texto apresentava, pois ao lê-lo percebia-se que o assunto tratado nada tinha de relação com ele. Através da interpretação do título, pressupunha-se o texto iria tratar de um determinado tema, mas com a leitura dele, notava-se que apresentava pouca relação com o título. Muitas vezes, conteúdos inesperados

eram constatados na leitura. A partir da dificuldade apresentada, foi exigido da pesquisadora um maior empenho na seleção dos textos, cobrando uma leitura atenta de cada um deles.

A partir da revista 41, todos os artigos aparecem com resumos e palavras-chave, o que facilitou selecionar os textos que seriam utilizados no trabalho, uma vez que, como dito anteriormente, era necessário ler a publicação na íntegra para saber do que estava se tratando o texto.

Com a multiplicidade de perspectivas e que já foram produzidas em diferentes artigos que trataram do tema referente à leitura na escola, busco nesse trabalho colaborar para uma articulação das análises provenientes da revista *Leitura: Teoria & Prática*, integrando estruturalmente os estudos que nela foram publicados sobre o ensino de leitura e formação do professor para o ensino da mesma.

A busca pela compreensão do conhecimento que já foi produzido em outros trabalhos, em algum momento, sobre um determinado tema, é denominada por alguns teóricos como *Estado da Arte*.

A professora Norma Sandra de Almeida FERREIRA<sup>4</sup>, em um artigo publicado na revista *Educação & Sociedade*, aponta que esse tipo de pesquisa exige que o pesquisador acompanhe o processo de evolução da ciência através do que já fora publicado anteriormente, para que possa ordenar periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, permitindo a indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de contradições e a determinação de lacunas e vieses. Esse tipo de pesquisa traz a opção metodológica de constituir em pesquisas de levantamento e avaliação do conhecimento sobre determinada temática. (FERREIRA, 2002)

---

<sup>4</sup> Professora do DELART e pesquisadora do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita (Alle) da Faculdade de Educação da Unicamp.

Assim, neste trabalho, será feito o levantamento dos dados obtidos ao longo dos 25 anos de publicação da revista *Leitura: Teoria & Prática*, a fim de compreender como se deram as publicações referentes à formação e prática do ensino da leitura, observando quais foram os cenários e tendências ao longo desses anos.

## **6. ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

[...] Destacadas dentre instituições ligadas ao livro e à leitura, Escola e Biblioteca, se em número suficiente, se bem equipadas, se organizadas e geridas com eficácia técnica, seriam capazes de reverter o quadro atual da leitura em tempo não muito longo. Se através dessas instituições nossas crianças forem introduzidas corretamente no circuito do livro, conseguiremos nos livrar do impertinente fantasma que nos ronda sem tréguas – a “crise da leitura”. (PERROTTI, 1990: 66)

Sabe-se que a escola tem fracassado no processo de formação de leitores. Várias pesquisas apresentam dados de insucesso com as práticas de leitura que são desenvolvidas nas escolas brasileiras. Dentre essas pesquisas, podemos trazer como exemplo a prova realizada no Estado de São Paulo, o SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), que desde sua criação, em meados da década de 90, vem avaliando sistematicamente o sistema de ensino paulista, verificando o rendimento escolar dos alunos de diferentes séries e períodos e identificando os fatores que interferem nesse rendimento. Se fizermos uma análise desses dados, encontraremos vários casos de insucesso com a leitura em muitas escolas paulistas. Não abordaremos esses dados nesse trabalho.

Dentre os meios educativos, tem-se a biblioteca, que é um recurso indispensável para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e da formação do educando. Pode-se afirmar que uma instituição que não possua uma biblioteca é incompleta e seu trabalho escolar torna-se estático e improdutivo dentro desse contexto, pois ela serve de apoio técnico-pedagógico das atividades docentes e discentes. (AMATO & GARCIA: 1989: 11)

Sobre isso, lembramos que não é todo o percentual de escolas que possui bibliotecas. O Censo Escolar 2004, que é realizado anualmente pelo Inep, constatou

que das 52.932 bibliotecas escolares existentes hoje no Brasil, 45.966 estão localizadas na área urbana, o que corresponde a 86% do total. As demais 6.966 encontram-se na área rural. É importante observar que na área urbana é a rede privada que concentra o maior número de bibliotecas (17.279), seguida das redes estadual (16.192), municipal (12.356) e federal (139). Já na área rural, o maior número de bibliotecas pertence à rede municipal (4.786), seguido pelas redes estadual (1.905), privada (232) e federal (43). (<http://www.consciencia.net/brasil/edu-alfabetiza.html>, acesso em 10/12/2007)

GARCIA (1989) traz à tona a seguinte reflexão: numa época em que o avanço tecnológico coloca à disposição do aprendizado diferentes instrumentos sofisticados se torna “[...] inadmissível que a maioria das escolas sobrevivam sem bibliotecas, com propostas de leitura inócuas e/ou confundindo bibliotecas com “punhadinhos de livros ali no canto.”” (GARCIA, 1989: 7)

Valorizamos e reconhecemos o papel do professor no processo de aquisição do hábito da leitura, porém não podemos culpá-lo unicamente por isso, uma vez que existe todo um sistema político por trás. Pensando na importância da biblioteca no âmbito escolar, a implantação desta na escola é uma batalha que deve ser travada pelos educadores e pelos órgãos da sociedade civil, questionando a ideologia e os regimes vigentes, para conquistar melhores condições de ensino. Iniciando um movimento a favor da dinamização de bibliotecas, inicia-se uma tarefa de cunho político, para a retirada da população do círculo da ignorância. (SILVA, 1984: 136)

SILVA (1984) diz que a implantação de uma biblioteca escolar deve ser organizada através de uma iniciativa coletiva – com a presença dos professores, alunos e comunidade –, em conjunto com a revisão crítica da postura dos educadores e com a redefinição do papel social a que se destina às escolas.

[...] Ou corajosamente dizemos “não” ao sistema opressor e construímos a escola para o povo ou nos acomodamos à injustiça social; ou criamos condições concretas para a fruição e democratização da cultura ou perpetuamos a pragmática utilitária tecnicista do “isso me basta”, tão amplamente divulgada pela indústria cultural das sociedades de consumo. (SILVA, 1984: 137)

Alienando o livro do processo educativo, o professor perde um grande aliado, pois ele é um grande instrumento de enriquecimento cultural na ampliação de horizontes e na visão crítica do aluno, do cidadão. Nesse sentido, é perceptível a necessidade de um entrosamento entre professores, bibliotecários e/ou responsáveis pela biblioteca na realização de um trabalho de cooperação e participação, para a melhoria do processo ensino-aprendizagem. (AMATO & GARCIA, 1989: 14)

É importante que tanto o professor, quanto a própria biblioteca, crie um ambiente propício para que a criança aprenda a gostar de ler. De que adianta ter uma grande quantidade de livros em seu acervo bibliográfico, se não há espaço e nem iniciativas para que este possa ser bem implementado na escola, através da criação bibliotecas e projetos educativos dos professores e bibliotecários/responsáveis pela biblioteca?

Os primeiros contatos com o livro são fundamentais para a formação de um futuro leitor. Nesse sentido, mais uma vez reconhece-se a importância do professor, pois é ele quem pode fazer um trabalho de forma lúdica, despertando a curiosidade da criança pelo gosto da leitura. Como afirma AMATO & GARCIA (1989): “*O gosto pela leitura é despertado pelo próprio entusiasmo dos adultos que incentivam a criança a aproximar-se dos livros.*” (AMATO & GARCIA, 1989: 19)

Depois de obter no aluno o gosto pela leitura, é importante que se crie nele o hábito da freqüência voluntária à biblioteca, para que essa ida constante à mesma se transforme, contribuindo ao hábito da leitura.

Se a leitura não for bem desenvolvida na sala de aula com as crianças ele acaba, na maioria das vezes, diluindo-se entre as obrigações escolares. A leitura, que deveria se caracterizar como um ato de liberdade e autonomia, fica reduzida à dimensão da obrigatoriedade aos alunos, causando desinteresse e apatia por estes que deveriam se inteirar dela.

A escola é a entidade que recebe a incumbência de ensinar a ler, porém ela tem interpretado essa tarefa de modo mecânico e estático, dotando as crianças apenas do instrumental necessário e automatizando seu uso através de exercícios; ela esquece que o ato de ler se reveste de uma aptidão cognitiva, esta que não se efetiva se não for acompanhada do texto. (ZILBERMAN, 1984: 17)

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo. (BAMBERGER, 1986: 11)

Reconhecendo a leitura como sendo uma das responsáveis pela estimulação da criatividade e do pensamento, percebe-se que ela pode contribuir na aquisição de conhecimentos nas demais disciplinas escolares, uma vez que ela propicia ao aluno a possibilidade de voltar-se a si próprio para (re) pensar (mesmo que inconscientemente) em como tem acontecido seu processo de “aquisição” dos conhecimentos transmitidos pela escola.

Como é de conhecimento da academia, nunca se pode generalizar nenhum assunto. Neste sentido, pergunta-se: há práticas de ensino de leitura em que os resultados obtidos com os alunos são diferentes dos que observamos acima, ou seja, em que foi obtido sucesso na prática docente com a leitura? A revista *Leitura: Teoria & Prática*, em seus 25 anos de existência, publicou trabalhos que tratem de práticas docentes bem sucedidas? O que esses trabalhos trazem de inovação? Em que podem contribuir na formação de professores para o ensino da leitura? Tratando de formação docente, o que a revista *L:T&P* contribui acerca da formação do professor para o ensino de leitura? Há publicações que discutem tal temática? E, qual a relação existente entre práticas de leitura bem sucedidas em sala de aula e a formação do professor para tal fim?

Busca-se nesse momento do trabalho compreender através da análise dos artigos que selecionamos observar o que os artigos selecionados trazem sobre o que buscamos e, por último, quais as possíveis relações existentes entre formação e prática.

## 6.1. FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DA LEITURA

Nesse tópico do trabalho são apresentados os artigos que foram selecionados nas edições da revista *Leitura: Teoria & Prática* que tratam da formação docente para o ensino da leitura.

Constatou-se que há pouca publicação sobre a formação do professor para o ensino da leitura, além disso, foi possível observar que há pouca reflexão acerca do mesmo dentro do universo de 48 revistas, pois encontramos apenas cinco textos que discutem essa temática, dentro do universo de 329 textos selecionados para a análise da revista *L: T&P*.

Apesar de serem poucas publicações, os textos trazem significativas informações sobre a formação de professores para o ensino fundamental, médio e superior. Os textos discutem a formação docente para os seguintes níveis de ensino e na seguinte quantidade: dois textos no ensino fundamental de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série; um para a 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série; um para os três graus de ensino; um para o ensino fundamental e médio; e um não apresentou o seu público.

Os textos trazem diferentes tipos de formação de professores, não se restringindo à formação básica destes, mas abrangendo também a formação continuada e projetos desenvolvidos por universidades. Além disso, cada formação objetivava desenvolver uma habilidade diferenciada nos alunos desses professores.

Dentre as diferentes contribuições encontradas nos textos, a primeira está presente na revista de número 2, no texto *Leitura e Interdisciplinaridade na Escola*, de Vânia Maria Rezende. Tratava-se da realização de um encontro com professores de todas as áreas de uma escola, para relacionarem a literatura com outras disciplinas, a fim de estabelecer relações do texto com a realidade de quem o lê e do

seu contexto, proporcionando aos alunos a possibilidade de ver o desenvolvimento humano de maneira consciente, crítica e variada.

O segundo texto selecionado, presente na revista 10, *O ensino da literatura no 1º grau*, coordenado por Alice Áurea Penteado Martha, fala de cursos de extensão oferecidos aos professores do 1º grau por uma Universidade Estadual, para servirem de motivação para que eles discutam os problemas encontrados em suas escolas, buscando modificar a realidade em que atuam. Buscava-se também que o professor passasse a ter uma análise mais crítica da situação do ensino de literatura no 1º grau.

Na revista 14, o texto selecionado *Leitura, Literatura e Democracia: muitos problemas e algumas propostas*, de Marisa Lajolo, fala de três projetos que foram desenvolvidos por um grupo de professores dos três graus de ensino, da rede estadual e municipal do Estado de São Paulo. O projeto *O Leitor em Construção* era o que visava à capacitação de docentes, através da organização de cursos modulados (de extensão e de especialização) para os profissionais de primeiro e segundo graus. Os cursos centravam-se em um conceito de leitura que abarcava a prática social do ato de ler.

No texto da revista número 26, *A prática de leitura nos cursos de Letras*, de Vicentina M. Ramires Borba, tem presente os ideais da construção de uma nova prática da Língua Portuguesa nos cursos de Letras e no ensino fundamental e médio. Constatou-se que os professores formados no curso de Letras podem contribuir substantivamente no ensino fundamental e médio, sendo responsáveis em direcionar ações pedagógicas que produzam resultados significativos.

Os conteúdos dos textos são compreensíveis, exceto pelo que está publicado na revista número 45, *O professor formador de leitores e escritores: saberes e*

*competências*, de Ana Maria Sá de Carvalho, que é texto denso, de difícil compreensão numa primeira leitura. Este texto fala de encontros mensais que eram realizados entre docentes de quinze escolas de um bairro periférico de Fortaleza, para que compartilhassem suas experiências. Com o objetivo de sensibilizar o maior número de professores para a importância da leitura, foi iniciada oficinas de leituras, para que se formasse uma prática leitora mais consciente e mais engajada com as propostas educacionais da Unesco (aprender a ser, a conhecer, a fazer e a conviver).

De um modo geral, os textos são significativos e trazem colaborações sobre a formação docente, tanto na formação básica como na continuada. Constatamos um déficit de publicações na esfera da formação básica, pois apenas em um texto, da revista número 26, *A prática de leitura nos cursos de Letras*, de Vicentina M. Ramires Borba, que traz a tona a formação do professor para o ensino da leitura na graduação. Nos demais artigos, a formação se restringiu à continuada, esta que ocorreu depois da graduação, durante o exercício do magistério, através de cursos, oficinas e discussão na própria escola em que trabalham os professores.

### 6.1.1. TABELA 1 E RESUMOS

A *Tabela 1* aponta os artigos publicados na revista *L:T&P* que abordam o tema referente à formação docente para o ensino da leitura.

Tabela 1 - Formação docente para o ensino da leitura				
Número	Ano	Tipo de publicação	Título	Autor
02	1983	Artigo	Leitura e Interdisciplinaridade na Escola	Vânia Maria Rezende
10	1987	Pesquisa	O ensino da literatura no 1º grau	Alice Áurea Penteado Martha (Coord.)
14	1989	Pesquisa	Leitura, Literatura e Democracia: muitos problemas e algumas propostas	Marisa Lajolo
26	1995	Estudo	A prática de leitura nos cursos de Letras	Vicentina M. Ramires Borba
45	2005	Estudo	O professor formador de leitores e escritores: saberes e competências	Ana Maria Sá de Carvalho

Em seguida, seguem os resumos dos textos selecionados na revista *Leitura: Teoria & Prática* referentes à formação docente para o ensino da leitura. Neles estão presentes as principais idéias contidas em cada texto selecionado, com o objetivo de deixar explícitas as contribuições que a revista traz acerca desse primeiro recorte.

## **RESUMOS**

- **Revista Número 2**

### **“Leitura e Interdisciplinaridade na Escola” (Vânia Maria Rezende)**

Como pensar na Literatura como um processo educativo interdisciplinar?

A autora trata da questão acima devido a uma solicitação da escola Municipal “Boa Vista”, de Uberaba, MG, de relacionar a literatura com outras disciplinas da 5ª a 8ª série. O texto literário seria o ponto de convergência entre as diferentes disciplinas que compõem o currículo escolar.

Em um encontro com professores de todas as áreas foi desenvolvido o tema “A literatura como forma de despertar valores e criatividade”, mas sem que a literatura fosse trabalhada como matéria específica e independente da língua Portuguesa.

A conversa com os professores trouxe a tona o questionamento do ato da leitura como conscientizador, no sentido de não reduzir-se a decodificações automáticas, indo além de atitudes mecanicistas, levando os alunos a uma leitura crítica. Assim, o ato de ler, numa perspectiva humana, pressupõe que exista relação entre as partes para se chegar à compreensão do todo; e pressupõe ainda que se estabeleçam relações do texto em si com a realidade de quem o lê e do seu contexto, implicando tempo e espaço locais e universais.

A autora pretende que, através da arte literária, os professores possam orientar condutas e renovar energias, promovendo uma educação pela criatividade, sem que

tenha a distinção dos diferentes conteúdos. A leitura consistiria num estímulo a atividades interessantes de aproximação de disciplinas.

A leitura deveria se sustentar em fins recreativos, abrindo visões mais variadas e ricas para os estudantes, aproximando-os de professores de diferentes áreas, na leitura de um mesmo texto. Assim, haveria a possibilidade de ler de forma mais profunda, para chegar a descobertas novas, sob diferentes ângulos de percepção do texto (visão da Matemática, Geografia, História, Ciências, etc.).

Não se busca que com essa prática que exista uma subordinação da Literatura ao plano cognitivo, sendo apenas um meio prático de realçar e reforçar conteúdos, mas sim, que seja resguardada a sua especificidade enquanto arte. A autora propõe ao grupo a oportunidade de poder, através de um trabalho interdisciplinar, tendo como ponto de partida a leitura, trabalhar com estudante, para transformá-lo num ser humano que veja o desenvolvimento humano de maneira consciente, crítica e variada, e não feita de compartimentos estanques, como feitos nas estruturas velhas das escolas.

- **Revista Número 10**

**“O ensino da literatura no 1º grau”**

**(Alice Áurea Penteado Martha (Coord.))**

Este trabalho relata dois projetos desenvolvidos sobre o ensino da literatura, sendo um de uma pesquisa e outro de extensão, este último de intervenção junto aos professores. É um relato de uma pesquisa sobre o ensino de literatura no 1º grau, na cidade de Maringá, no Estado do Paraná, realizada nos anos de 84, 85 e 86, pelos pesquisadores do Departamento de Letras da UEMA.

O objetivo da pesquisa era o ensino de literatura na 1º grau. Na primeira parte foi feito um diagnóstico de como se dava o a literatura na sala de aula, qual material era utilizado, de acordo com a situação sócio-econômica dos indivíduos que freqüentavam a escola estadual pesquisada.

Com a pesquisa, constatou-se que os professores não faziam uso de livros de literários para trabalhar com o ensino de literatura, mas se utilizavam dos livros didáticos para servir de instrumento fundamental como guia pedagógico, uma vez que os alunos eram carentes, não podendo adquirir os livros destinados propriamente às histórias literárias e também por os professores não terem formação, na sua graduação, para trabalhar a Literatura Infantil, pois a disciplina que discute tal temática era de implantação recente nos cursos de magistério (a maioria dos professores da pesquisa tinha mais de dez anos de magistério).

Considerando a situação do ensino e a ausência da formação dos professores para o ensino de literatura em Maringá, foi oferecido, pelo Departamento de Letras na Universidade Estadual de Maringá, cursos de extensão aos

professores, a fim de servirem como motivação para que eles discutam seus problemas e busquem modificar a realidade em que atuam. Além disso, pretendia-se que o professor passasse a ter uma análise mais crítica da situação do ensino de literatura no 1º grau, havendo, conseqüentemente, a revitalização da leitura.

Por fim, os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que os cursistas, através da avaliação escrita, revelaram que os conteúdos ministrados foram significativos para a conscientização da importância do trabalho adequado com o texto literário do livro didático.

- **Revista Número 14**

**"Leitura, Literatura e Democracia: muitos problemas e algumas propostas" (Marisa Lajolo)**

Observando que a escola precisa preparar-se para seu compromisso com a leitura literária e com a prática social, LAJOLO apresenta três projetos que foram desenvolvidos por um grupo de professores dos três graus de ensino, da rede estadual e municipal do Estado de São Paulo.

Os projetos são os seguintes: *Memória da Leitura*, que busca a médio e longo prazo o levantamento e a preservação da memória da leitura brasileira; *O Leitor em Construção*, que visa à capacitação de docentes de primeiro e segundo graus para a alfabetização, ensino da língua materna, programação e atividades de leitura; e *Leitores nas Entrelinhas*, busca a médio e longo prazo fazer com que o discurso sobre o texto literário e a leitura que circulava na época retornasse a seus emissores.

No projeto *O Leitor em Construção*, como dito anteriormente, visava à capacitação de docentes, organizando cursos modulados (de extensão e de especialização) para os profissionais de primeiro e segundo graus. Os cursos centravam-se em um conceito de leitura que abarcava a prática social do ato de ler. Os objetivos dos módulos do curso eram: 1) Familiarizar o educador com a história da prática da leitura no Brasil, situando-o nesta história; 2) Tematizar a inserção do educador nesta prática: *como cidadão que é, como aluno que foi e como educador que é*; 3) Discutir a situação atual da leitura na escola brasileira (legislação, programas, atividades) de forma a inseri-la numa política geral de leitura.

Por fim, a autora acredita que através de vários projetos é possível proporcionar aos professores condições de lidar com o conjunto relevante de textos, com os objetivos políticos, cultural e educacional, voltados para a democratização da leitura no país.

- **Revista Número 26**

### **“A prática de leitura nos cursos de letras”**

**(Vicentina M. Ramires Borba)**

Partindo da observação do despreparo dos educadores na formação de seus alunos, a autora buscou compreender como se dá a relação entre teoria e prática no ensino de Língua Portuguesa, observando de que modo pudessem indicar um projeto de formação do professor para o comprometimento com a democratização da sociedade e da leitura. Com isso, buscou-se ampliar esse debate para contribuir na construção de uma nova prática da Língua Portuguesa nos cursos de Letras e no ensino fundamental e médio.

Constatou-se que os professores formados no curso de Letras podem contribuir substantivamente no ensino fundamental e médio, pois eles são formados para ficarem atentos as transformações sociais. Mesmo a autora defendendo que não cabe apenas aos professores dos cursos de Letras o êxito na atuação dos alunos que forma, ela diz que estes últimos têm a responsabilidade de direcionar ações pedagógicas que produzam resultados significativos.

- **Revista 45**

**"O professor formador de leitores e escritores: saberes e competências"**

**(Ana Maria Sá de Carvalho)**

No compartilhamento das dificuldades e anseios de docentes de quinze escolas de um bairro periférico de Fortaleza, foram realizados encontros mensais com os mesmos para que fossem compartilhadas suas experiências, estas que muitas vezes eram desconexas com das crenças que tinham de uma prática com leitura.

No segundo momento, com o objetivo de sensibilizar o maior número de professores para a importância da leitura, foi iniciada oficinas de leituras, voltadas a trabalhar as concepções sociointeracionista, estética da recepção e letramento. Buscava-se que através da oficina se formasse uma prática leitora mais consciente e mais engajada com as propostas educacionais da Unesco (que tem por base quatro pilares: aprender a ser, a conhecer, a fazer e a conviver).

No encerramento das oficinas, houve solicitação de diversos grupos para a oferta de um curso que desse continuidade às atividades que estavam se encerrando naquele momento.

## 6.2. EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA LEITURA BEM SUCEDIDA

Sobre a experiência docente bem sucedida do ensino da leitura encontramos um número maior de publicações na revista do que na esfera da formação docente. Ao todo, foram identificados seis artigos que discutem essa temática.

Os artigos selecionados tratam de: leitura e outras disciplinas da grade escolar; leitura realizada em duplas na sala de aula; leitura e discussão (levando-a para a prática); leitura e livros em um momento na disciplina de português; leitura com o objetivo de formar o cidadão; e leitura de jornais para construir uma leitura crítica. Observa-se que apenas na questão referente à leitura na formação do cidadão que ocorre em dois dos textos selecionados.

O texto da revista número 1, *Como despertar o prazer da leitura*, de Glória Maria Fialho Pondé, traz a experiência de uma atividade que era realizada uma vez por semana entre os alunos e a professora. Ambos liam um livro de interesse comum e debatiam os assuntos que dele suscitasse. Nessa aula não haveria preocupação com trabalho/nota, cabendo à professora conduzir os debates e propostas. O projeto envolveu as áreas de Português, Ciências, Estudos Sociais, Artes Plásticas, Música, etc., e despertou nos alunos o prazer da leitura, por apresentar de uma maneira dialética os valores da sociedade vinculados aos textos literários.

A revista de número 9 traz texto a *Prática de leitura de narrativas longas: uma proposta viável*, de Amélia Maria Jarmendia Soares, que fala de uma atividade era desenvolvida na sala de leitura, destinada quarenta e cinco minutos por semana para ela. Nos primeiros encontros, os alunos mantinham contato sensorial com os livros, podendo manipulá-los à vontade. Ao término da aula, impunha-se que o livro

fosse colocado em seu lugar de origem, a fim de manter o acervo organizado. A atividade de leitura podia se estender para fora da escola, pois as crianças poderiam levar os livros por empréstimo. No início das primeiras seções houve muita troca entre aluno e livro: o aluno escolhe e logo em seguida desiste do livro selecionado, iniciando a leitura de outro. Nas seções seguintes, a troca diminui, pois à medida que vão concluindo a leitura, os alunos eram estimulados a fazerem comentários sobre as obras lidas. Com isso, fazer o comentário fez com que o livro ganhasse mais importância entre os alunos. Averiguou-se que muitos dos alunos que participaram dessa proposta adquiriram o hábito de ler

A revista número 16 traz no texto *Leitura: uma possível integração*, de Eduardo Calil, a proposta de colocar as crianças em duplas, para lerem juntas o fragmento de um texto, com o objetivo de que descobrissem a qual história ele pertencia. Nessa atividade percebeu-se que, em determinadas situações, a interação entre as crianças é mais produtiva do que o trabalho individualizado ou com a interação com o professor. Porém, o papel do professor era visto como fundamental no processo de aprendizagem, uma vez que cabia a ele proporcionar boas situações para a aprendizagem.

O terceiro texto encontrado sobre experiência de ensino da leitura bem sucedida foi *A leitura na sala de aula: o velho e o novo em conflito*, de Rita de C. M. e S. Costa. Na experiência apresentada, os alunos foram expostos a três diferentes situações. A primeira consistia em que um tema, de interesse da maioria, fosse discutido em sala de aula, para observar se este seria um estímulo natural à escrita. A segunda situação consistia de atividades que se desenvolveriam em torno de textos, com objetivo de realizar sua leitura, A terceira situação mostrava como a reprodução ideológica estava presente nas perguntas sobre o texto tradicionais de

leitura e de conceitos equivocados sobre a escrita. Essas atividades contribuíram para que os alunos construíssem novos conceitos em relação à leitura, à escrita e as próprias experiências das crianças em sala de aula. Percebeu-se que em uma relação não autoritária, em que a prática pedagógica baseia-se no diálogo, na liberdade e no respeito à criança, começa a haver condições favoráveis de interação.

O quarto texto encontrado, *Lugar de estante é na mochila*, de Helena Feres Hawad, presente na revista 31, foi um trabalho realizado com alunos da quinta série no ano letivo de 1997, com o objetivo de desenvolver, juntamente com os alunos, alternativas para a prática da leitura. Dos cinco momentos destinados as aulas de Língua Portuguesa, um deles foi reservado para que fosse desenvolvida a atividade Biblioteca de Classe, que consistia nas seguintes atividades: possibilitar aos envolvidos da atividade manusear e ler os livros livremente; visitas à biblioteca do colégio; empréstimo de livro pelos alunos, para que pudessem continuar sua leitura em casa; contar e ouvir a história de seus colegas.

O texto *A criança e a leitura na escola: construindo a cidadania*, de Dília M. A. Glória Bueno, presente na revista de número 34, trata de uma pesquisa realizada com duas turmas do terceiro ano no ensino fundamental. As leituras eram realizadas em três momentos: a) sala de aula, biblioteca e casa do aluno; b) as leituras eram definidas pelos alunos, democraticamente. Em alguns momentos as escolhas seriam individuais, em outros, coletivas em grupo; c) a avaliação do trabalho era feito mediante discussões coletivas. Por não existir o caráter de imposição às leituras realizadas na escola, o valor de tal prática estava intrinsecamente relacionada à própria leitura e ao prazer de discutir a mesma com os demais alunos.

Na revista números 35 tem presente o último texto selecionado nesse tópico trabalho: *Uma proposta de leitura intertextual e dialógica: construindo leitores críticos*, de Ana Lúcia de Campos Almeida. Buscava desencadear um processo de leitura crítica nos alunos concluintes do ensino fundamental de uma escola pública, formando um leitor de jornal comum, que fosse capaz de buscar informações e de refletir sobre sua realidade, para romper o círculo vicioso de ler para fornecer respostas mecânicas às tarefas escolares. A implicação pedagógica possibilitou aos estudantes a apreensão dos gêneros discursivos como forma de ampliar sua compreensão em leitura.

Os textos são de fácil compreensão, não exigindo grandes esforços durante sua leitura.

Pode-se perceber que a questão da leitura é trabalhada de diferentes maneiras na sala de aula, o que indica as diferentes possibilidades que o professor tem de trabalhá-la com seus alunos. As possibilidades que a revista *Leitura: Teoria & Prática* oferecem relacionam-se com práticas que envolvam a biblioteca escolar, sala de leitura e sala de aula. As experiências encontradas na *L: T&P* também tratam de trabalhos que poderiam ser realizados com os alunos individualmente, em duplas ou grupo, o que nos permite perceber as diferentes alternativas que a revista oferece ao professor no que tange as possibilidades de sua prática docente.

Percebemos que em todos os casos apresentados de experiência de ensino da leitura bem sucedida, não há a intenção do professor em avaliar o aluno através de modelos tradicionais (como provas, trabalhos, etc.), mas sim através de avaliações diferenciadas, que possam contribuir na formação de futuros leitores, interessados na leitura, e no prazer que lhe venha proporcionar. Os objetivos desses professores eram proporcionar boas situações para a aprendizagem aos seus

alunos. Sobre isto, nos textos selecionados nesse tópico do trabalho, foi possível averiguar o quanto é fundamental a boa intervenção do professor nesse processo para o aluno; o quanto a implicação pedagógica pode ser decisiva na formação de um futuro leitor. Porém, não há como desconsiderar a biblioteca e seu acervo como auxílios para o professor, uma vez que ambos são fundamentais para que a prática pedagógica se efetive positivamente.

### 6.2.1. TABELA 2 E RESUMOS

A *Tabela 2* aponta os artigos encontrados na revista *L:T&P* que abordam o tema referente à experiência de ensino da leitura bem sucedida. Em seguida à tabela, seguem os resumos dos artigos identificados.

Tabela 2 - Experiência de ensino da leitura bem sucedida				
Número	Ano	Tipo de publicação	Título	Autor
01	1983	Artigo	Como despertar o prazer da leitura	Glória Maria Fialho Pondé
09	1987	Artigo	A prática de leitura de narrativas longas: uma proposta viável	Amélia Maria Jarmendia Soares
10	1987	Experiência	A leitura recreativa na 5ª e 6ª série	Margarida de Moura Siqueira
16	1990	Estudo	Leitura: uma possível integração	Eduardo Calil
22	1993	Estudo	A leitura na sala de aula: o velho e o novo em conflito	Rita de C. M. e S. Costa
31	1998	Relato de Experiência	Lugar de estante é na mochila	Helena Feres Hawad
34	1999	Relato de Experiência	A criança e a leitura na escola: construindo a cidadania	Dília M. A. Glória Bueno
35	2000	Estudo	Uma proposta de leitura intertextual e dialógica: construindo leitores críticos	Ana Lúcia de Campos Almeida

Em seguida, seguem os resumos dos textos selecionados na revista *Leitura: Teoria & Prática* referentes à experiência docente do ensino da leitura bem sucedida, em que contém os principais pontos abordados de cada texto selecionado para esse recorte.

- **Revista Número 1**

**“Como despertar o prazer da leitura” (Glória Maria Fialho Pondé)**

Partindo do desinteresse e da indisciplina dos alunos em sala de aula a autora buscou, em sua prática diária, reservar uma aula por semana para que os alunos e a professora lessem um livro de interesse comum e debatessem os assuntos que dele suscitasse. Nessa aula não haveria preocupação com trabalho/nota, cabendo a professora conduzir os debates e propostas. Com essa prática, houve um entrosamento adulto-jovem, fluindo amizade entre ambos.

O projeto envolveu as áreas de Português, Ciências, Estudos Sociais, Artes Plásticas, Música, etc., o que acabou enriquecendo as experiências dos alunos e dos professores. Os custos desse projeto são muito baixos, pois solicita apenas materiais que o aluno já dispõe.

É preciso que os professores tenham orientação adequada, pois, muitas vezes, eles não têm essa orientação em seus cursos de formação e nem durante o exercício do magistério.

O projeto atingiu os objetivos previstos, porque houve envolvimento entre professores, alunos e administração da escola. Foi possível despertar nos alunos o prazer da leitura, por apresentar de uma maneira dialética os valores da sociedade vinculados aos textos literários.

Coube ao professor apenas sugerir e propor, pois foi o grupo que escolheu seus próprios caminhos.

- **Revista Número 9**

**“Prática de leitura de narrativas longas: uma proposta viável”**

**(Amélia Maria Jarmendia Soares)**

Esse trabalho compõe-se de três partes, conclusão e apêndice. A primeira parte procura mostrar como tem sido realizada a prática de leitura de narrativas longas na escola de primeiro grau. A segunda parte apresenta uma proposta de prática de leitura de narrativas longas. A terceira contém o relato da experiência de execução da proposta apresentada na segunda parte, que foi realizada em 1985, na Escola Municipal de Primeiro Grau Júlio Marcondes Salgado, envolvendo alunos de sétima série que na época da pesquisa já estavam cursando a oitava série.

A terceira parte é a que vai encontro dos objetivos desse trabalho de conclusão de curso e, portanto, será a parte mais abordada nesse resumo.

A proposta de trabalho, denominada “Leitura livre ou recreativa”, foi colocada em prática em agosto de 1985, com alunos da sétima série, pela professora de língua portuguesa. Na oitava série deu-se continuidade dessa atividade.

A atividade era desenvolvida na sala de leitura, destinando quarenta e cinco minutos por semana para ela. Nos primeiros encontros, em geral, os alunos mantinham contato sensorial com os livros, podendo manipulá-los à vontade. Ao término da aula, impunha-se que o livro fosse colocado em seu lugar de origem, a fim de manter o acervo organizado.

Nas primeiras aulas, a escolha era motivada por aspectos materiais da obra (capa, ilustração, número de páginas, etc.). A atividade de leitura podia se estender para fora da escola, pois as crianças poderiam levar os livros por empréstimo.

No início das primeiras seções houve muita troca entre aluno e livro: o aluno escolhe e logo em seguida desiste do livro selecionado, iniciando a leitura de outro. Nas seções seguintes, a troca diminui, pois à medida que vão concluindo a leitura, os alunos eram estimulados a fazerem comentários sobre as obras lidas. Com isso, fazer o comentário fez com que o livro ganhasse mais importância entre os alunos. Assim, a professora solicitou que os alunos passassem a escrever seus comentários, de maneira que pudesse despertar no colega o interesse pela leitura daquele livro comentado.

No início, não se cogitou a hipótese de fazer qualquer avaliação, visto que o objetivo era desenvolver o gosto pela leitura, entretanto, através dos comentários foi pedido aos alunos que registrassem em seu caderno de anotação de leitura os títulos e os comentários das obras lidas. Havia a possibilidade de um grupo de alunos que tivesse lido a mesma obra, pudesse elaborar um comentário único conjuntamente. Esta última possibilidade dava margem aos alunos para que pudessem discutir sobre a mesma obra.

O combinado era de que os alunos lessem no mínimo duas obras por bimestre. Muitos alunos superaram essa margem, chegando a ler no final do ano um número superior a doze. Houve casos em que os alunos não leram o mínimo solicitado por bimestre, porém, para recuperar o número solicitado, os alunos compensavam no bimestre seguinte. Além desses últimos casos, havia alunos que simulavam leituras. Mas com a intervenção da professora, após várias colocações da mesma e dos próprios colegas, os alunos acabavam lendo.

O foco principal dessa pesquisa é que, mesmo que o aluno não prossiga seus estudos, ele adquira o hábito de ler, pois uma vez adquirido este hábito, nunca deixará de ler.

É importante que o professor participe da mesma forma que os alunos da atividade de leitura, apresentando-se ao aluno como leitor, para que o aluno se interesse também para ser leitor. Um professor que não tenha o hábito de ler, que não valorize a leitura, certamente não conseguirá que seus alunos se tornem leitores.

Após a atividade, foi elaborada pelos alunos a “Apostila de Sugestão de Leitura”. Seu objetivo era de veicular os comentários que eram apresentados durante as seções de leitura.

Na conclusão do trabalho foi possível averiguar que muitos dos alunos que participaram dessa proposta adquiriram o hábito de ler.

- **Revista Número 16**

**"Leitura: uma possível integração" (Eduardo Calil)**

Esse trabalho trata da prática de leitura feita em sala de aula pelo autor do texto, que consistia em colocar as crianças em duplas, para lerem juntas o fragmento de um texto, com o objetivo de que descobrissem a qual história ele pertencia. A pesquisa focou a interação que ocorria entre dois sujeitos dessa classe.

Através a proposta de atividade de leitura, percebeu-se que, em determinadas situações, a interação entre as crianças era mais produtiva do que o trabalho individualizado ou com a interação com o professor.

A atividade proporcionou com que um aluno ajudasse o outro, compartilhando, aprimorando, adequando, reelaborando, modificando, reestruturando as hipóteses que construíram até determinado momento.

Observou-se nessa atividade que o papel do professor é fundamental no processo de aprendizagem, uma vez que cabe a ele proporcionar boas situações para a aprendizagem.

- **Revista Número 22**

**“A leitura na sala de aula: o velho e o novo em conflito”**

**(Rita de C. M. e S. Costa)**

Este trabalho foi realizado na terceira série de uma escola pública com o objetivo de conhecer o processo de significação construído pelos alunos durante a prática de leitura nessa classe.

Para analisar os dados e compreendê-los, os alunos foram expostos a três diferentes situações. A primeira situação era de que, através de um tema de interesse da maioria, ele fosse discutido em sala de aula para observar se este seria um estímulo natural à escrita. Os temas poderiam estar relacionados às leituras realizadas em diferentes espaços, dentro ou fora da escola. A segunda situação eram atividades que se desenvolviam em torno de textos com o objetivo de realizar sua leitura, porém esta prática mostrou superficialidade na discussão, com isso não havia interação do aluno/leitor com o autor de cada texto, dos alunos entre si e dos alunos com a professora. Muitas vezes o texto servia apenas para atividades gramaticais. A terceira situação mostrava como a reprodução ideológica estava presente nas perguntas sobre o texto, uma vez que elas acabavam induzindo-o a um sentido único.

Embora essa prática tenha refletido modelos tradicionais de leitura e de conceitos equivocados sobre a escrita, ela contribuiu para que os alunos construíssem novos conceitos em relação à leitura, à escrita e as próprias experiências das crianças em sala de aula. Percebeu-se também que em uma relação não autoritária, em que a prática pedagógica baseia-se no diálogo, na

liberdade e no respeito à criança, começa a haver condições favoráveis de interação.

- **Revista Número 31**

**"Lugar de estante é na mochila" (Helena Feres Hawad)**

Esse foi um trabalho realizado com alunos da quinta série no ano letivo de 1997, com o objetivo de desenvolver, juntamente com os alunos, alternativas para a prática da leitura.

Para fazer com que o livro se tornasse presente na sala de aula, a professora e os alunos decidiram trazer de suas casas livros, fazendo assim de suas pastas e mochilas suas "estantes". Dos cinco momentos destinados as aulas de Língua Portuguesa, um deles foi reservado para que fosse desenvolvida a atividade Biblioteca de Classe.

A primeira atividade era a *Sessão de Leitura*, sendo essa a principal atividade desenvolvida ao longo do ano. Ela consistia em colocar sobre a mesa da professora todos os livros trazidos até a sala de aula (tanto pelos alunos, quanto pela professora), a fim de possibilitar aos envolvidos da atividade manusear e ler os livros livremente. A leitura poderia ser feita individualmente ou em dupla, pois o que importava era começar a ler um livro ou trocá-lo por outro, valia folhear, ver ilustrações, ler trechos aleatórios. O que podia nessa atividade era levar para a sala um livro que o próprio aluno não tivesse lido anteriormente, ou que ele próprio não gostasse. Entre os materiais da sala de aula havia também a *Antologia*, o *Caderno de Textos* e a *Caixa surpresa*.

Ao longo do ano, em alguns momentos, as sessões de leitura se realizavam sob a forma de visitas à biblioteca do colégio.

A segunda atividade era os *Empréstimos*, que consistia no empréstimo de livro pelos alunos, para que pudessem continuar sua leitura em casa, uma vez que cinquenta minutos (tempo de uma aula) era insuficiente para ler integralmente a maioria dos livros.

A terceira atividade era de *Contar e Ouvir histórias*, atividade que despertou entusiasmo nos alunos, pois eles poderiam contar e ouvir a história de seus colegas. As histórias poderiam ser oriundas de qualquer local, como, por exemplo, da televisão ou inventadas pelos próprios alunos.

A autora conclui seu texto observando que a escola pretende, através de algum tipo de solução teórico-prática, alterar profundamente escolhas e interesses pessoais; cabe à escola a responsabilidade de proporcionar a todos os alunos as oportunidades de contato saudável com livros (com a leitura em geral), mas não garantida que essa prática será eficaz, pois o que cada indivíduo fará dessas oportunidades é resultado de suas decisões pessoais.

- **Revista Número 34**

**"A criança e a leitura na escola: construindo a cidadania"**

**(Dília M. A. Glória Bueno)**

O artigo apresentou a prática de leitura desenvolvida em 1995 com duas turmas do terceiro ano no ensino fundamental do Centro Pedagógico da UFMG, a qual buscou a construção de estratégias de leitura adequadas à formação do leitor/cidadão.

Com base nos interesses dos alunos, o planejamento das leituras abarcou os seguintes aspectos: a) as leituras seriam realizadas em três locais: sala de aula, biblioteca e casa do aluno; b) as leituras eram definidas pelos alunos, democraticamente. Em alguns momentos as escolhas seriam individuais, em outros, coletivas em grupo; c) a avaliação do trabalho era feito mediante discussões coletivas.

Durante a semana também havia uma aula que era realizada na Biblioteca Infantil da escola. Os alunos podiam realizar escolhas individuais e, se desejassem, era possível levar o livro emprestado para casa a fim de concluir a leitura. No momento da biblioteca, alguns alunos aproveitavam-no para pesquisar algum assunto sobre outra disciplina.

Com as leituras constantes e as discussões que delas surtiam, um aluno de uma das turmas manifestou o desejo de produzir o próprio livro. O restante dos alunos aceitou a idéia com entusiasmo. A partir daí, iniciou-se um processo de reflexão sobre a produção literária.

Por não existir o caráter de imposição às leituras realizadas na escola, o valor de tal prática estava intrinsecamente relacionada à própria leitura e ao prazer de discutir a mesma com os demais alunos. Ao final do ano letivo, foi promovida entre os alunos a autonomia no ato de suas leituras. Alguns alunos passaram a ler constantemente e a troca entre os alunos de livros tomou uma proporção significativa. Os próprios alunos elogiavam os progressos de seus colegas que liam, que anteriormente executavam tal ato com dificuldade. Por fim, o grau de participação nas aulas cresceu, pois o receio dos alunos em expor suas idéias diminuiu.

- **Revista Número 35**

**“Uma proposta de leitura intertextual e dialógica: construindo leitores críticos” (Ana Lúcia de Campos Almeida)**

Esse artigo apresenta uma experiência pedagógica realizada com alunos concluintes do ensino fundamental de uma escola pública, em que são colocados em contato com um repertório de textos pertencentes ao gênero jornalístico opinativo, visando desencadear um processo de leitura crítica.

A primeira etapa da pesquisa consistiu em investigar a compreensão da leitura de textos argumentativos mediante análise de resumos e comentários produzidos a partir da leitura de dois textos jornalísticos opinativos.

A segunda etapa consistiu em que os alunos construíssem a noção do funcionamento do gênero jornalístico opinativo, para investigar seus efeitos no desenvolvimento de uma leitura crítica. Em um período de dois meses e vinte aulas, sob a orientação da professora, os alunos realizaram a leitura de onze textos jornalísticos opinativos.

O objetivo dado à leitura era o de formar um leitor de jornal comum, que fosse capaz de buscar informações e de refletir sobre sua realidade, para romper o círculo vicioso de ler para fornecer respostas mecânicas às tarefas escolares.

Na última etapa foram coletados dados de resumos e comentários individuais realizados pelos alunos a partir da leitura dos dois últimos textos trabalhados.

Os resultados do trabalho mostraram que o conhecimento intertextual com a apreensão do funcionamento discursivo do gênero jornalístico opinativo constituiu-se de um fator relevante para o desenvolvimento da leitura crítica dos alunos. A implicação pedagógica possibilitou aos estudantes a apreensão dos gêneros discursivos como forma de ampliar sua compreensão em leitura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No universo das 48 revistas que tratam da temática leitura (no âmbito teórico e prático), foram encontrados poucos estudos/artigos sobre práticas de ensino da leitura que obtiveram resultados positivos. Nos 48 números da revista, apenas oito trataram de experiência de ensino da leitura bem sucedida, o que nos dá indicativo de que ou não se tem publicado esse tipo de pesquisa, ou, de fato, as escolas brasileiras não têm conseguido realizar tal tarefa de forma efetiva.

Antes que se desenvolva a leitura na escola é que preciso que o professor – formador de leitores – seja formado para tal fim. A elaboração do conhecimento de formação para o ensino da leitura é realizada na universidade, para posteriormente dirigir-se a secretarias e cursos especializados. Dessa forma, os conhecimentos são gerados na universidade, em um determinado momento são apropriados pelo professor durante sua formação (inicial ou contínua). (ANDRADE, 1997: 18) Porém, na análise realizada nesse Trabalho de Conclusão de Curso, pudemos constatar que poucos são os artigos que discutem esse tipo de formação nas 48 publicações da revista *Leitura: Teoria & Prática*.

Apenas cinco artigos trataram da temática *formação docente para o ensino da leitura*. Esse número nos faz pensar se esse resultado se deva simplesmente à ausência de publicação ou se realmente está havendo a deficiência na formação de nossos professores para a prática de leitura.

Seria muita ingenuidade culpar apenas os cursos de formação básica de professores por essa deficiência nos conhecimento teóricos e prático dos mesmos. Tal constatação nos faz perceber o descaso que a política educacional tem tido com a leitura.

É importante destacar também que os próprios professores não possuem o “hábito de ler”, o que os impossibilita de serem o exemplo vivo aos seus alunos de leitores que gostam de ler. Fazendo uso das palavras de LAJOLO: *“O primeiro requisito, portanto, para que o contato aluno/texto seja o menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor. Que goste de ler e pratique a leitura.”* (LAJOLO, 1991: 54).

É importante que na formação dos professores para o ensino da leitura se forme o sentido crítico da leitura (LAJOLO, 2001), de tal forma que, no contato com o texto, o aluno possa vivenciá-lo de forma crítica, uma vez que a função da leitura é formar o indivíduo livre, capaz de refletir sobre a situação da atualidade mundial, sobre as aspirações que tem para sua própria vida e, acima de tudo, libertar-se das antigas amarras que possuía antes de navegar pelo mundo da leitura.

A escola deve assumir a tarefa de situar a leitura conforme sua importância, reconhecendo a funcionalidade que tem o papel do professor, pois ela contribui na formação humana do cidadão.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALFABETIZA BRASIL. Disponível em <http://www.consciencia.net/brasil/edu-alfabetiza.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2007.

ALMEIDA, Ana Lúcia de Campos. Uma proposta de leitura intertextual e dialógica: construindo leitores críticos. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 23, nº 35, p. 27 – 31, jun. 2000.

AMATO, Mirian. GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A Biblioteca na Escola. *In: GARCIA, Edson Gabriel. Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1989, p. 9 – 23.

ANDRADE, Ludmila Thomé. Procura-se um formador – a produção universitária sobre ensino de português: uma ação reflexiva. *In: Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, SP, ano 16, nº. 29, p.16 - 29, jun. 1997.

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. Disponível em [http:// www.alb.com.br](http://www.alb.com.br)> Acesso em 02 de julho de 2007.

BAMBERGER, Richard. A importância da leitura para o indivíduo e para a sociedade. *In: Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática/Unesco, 1986, 1ª edição, p. 9 – 14.

BORBA, Vicentina M. Ramires. A prática de leitura nos cursos de Letras. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 14, nº 26, p. 3 – 14, dez. 1995.

BRASIL, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 31 de dez. de 1996.

BUENO, Dília M. A. Glória. A criança e a leitura na escola: construindo a cidadania. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 18, nº 34, p. 68 – 77, dez. 1999.

CADERNOS EDUCAÇÃO 2007: FOLHAS DA REGIÃO. Disponível em <http://www.folhadaregiao.com.br/hotsites/edu2007/noticia.php?codigo=77644&PHPSESSID=9cbe953773f010c45a78692ace9394a8>>. Acesso em 08 de dezembro de 2007.

CALIL, Eduardo. Leitura: uma possível integração. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 9, nº 16, p. 26 – 35, dez. 1990.

CARVALHO, Ana Maria Sá de. O professor formador de leitores e escritores: saberes e competências. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 23, nº 45, p. 53 – 58, set. 2005.

COSTA, Rita de C. M. e S. A leitura na sala de aula: o velho e o novo em conflito. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 12, nº 22, p. 41 – 50, dez. 1993.

EDITORIAL. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, SP, ano 1, nº. 0, p.2, nov. 1982.

\_\_\_\_\_, ano 20, nº 37, p.2, jun. 2001.

FERREIRA, Norma S. de A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. *In: Educação & Sociedade*. Campinas, SP: ago./2002 [ISSN 0101 – 7330 versão impressa]

GARCIA, Edson Gabriel. Biblioteca Escolar: pelo fim do provisório eterno. *In: \_\_\_\_\_*. **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1989, p. 7.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora - alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais**. Tese de doutorado, IEL, UNICAMP, 2000.

HAWAD, Helena Feres. Lugar de estante é na mochila. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 17, nº 31, p. 84 – 90, jun. 1998.

LAJOLO, Marisa. Leitura, Literatura e Democracia: muitos problemas e algumas propostas. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 8, nº 14, p. 54 – 61, dez. 1989.

\_\_\_\_\_. O texto não é pretexto. *In: ZILBERMAN, Regina (org.)*. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991, p. 51 – 62.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. O ensino da literatura no 1º grau. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 6, nº 10, p. 39 – 48, dez. 1987.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. *In: \_\_\_\_\_*. (org.). **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora. 1995, 2ª edição, p. 15 – 31.

PERROTTI, Edmir. Escola, Biblioteca e Promoção da Leitura. *In: \_\_\_\_\_*. **Confinamento Cultural, Infância e Leitura**. São Paulo: Summus, 1990, p. 65 – 82.

PONDÉ, Glória Maria Fialho. Como despertar o prazer da leitura. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 2, nº 1, p. 13 – 16, abr. 1983.

QUINAGLIA, Ivana Alves Lima. **A leitura da leitura: o que traz a revista a revista Leitura: Teoria & Prática sobre teorias e práticas de leitura**. Sorocaba, SP: Dissertação de Mestrado, Universidade de Sorocaba, 2006.

REZENDE, Vânia Maria. Leitura e Interdisciplinaridade na Escola. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 2, nº 2, p. 34 – 35, out. 1983.

REVISTAS EDUCACIONAIS – CLUBE DO PROFESSOR. Disponível em <<http://www.clubedoprofessor.com.br/atualizado/publicacao/revistas.htm>>. Acesso em 22 de agosto de 2007.

SARESP 2005. Disponível em <http://saresp.edunet.sp.gov.br/2005/subpages/conheca.htm>. Acesso em 08 de dezembro de 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Apresentação. *In: A produção da leitura na escola: Pesquisas X Propostas*. São Paulo: Ática, 2002, 2ª edição, p. 5 – 7.

\_\_\_\_\_. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. *In: ZILBERMAN, Regina (org.). Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, 3ª edição, p. 133 – 145.

\_\_\_\_\_. Busca de fundamentos para uma explicitação do ato de ler. *In: O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Introdução. *In: O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Leitura e Conscientização. *In: Leitura na escola e na biblioteca*. São Paulo: Papyrus, 2001, 7ª edição, p. 11 – 20.

\_\_\_\_\_. Vendo melhor as questões através da análise. *In: A produção da leitura na escola: Pesquisas X Propostas*. São Paulo: Ática, 2002, 2ª edição, p. 11 – 26.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. A Revista Leitura: Teoria e Prática e o Professor – Um leitor em formação. *In*: MARINHO, Marildes. SILVA, Ceris Salete Ribas da (orgs.). **Leituras do Professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998, p. 141 – 156.

SIQUEIRA, Margarida de Moura. A leitura recreativa na 5ª e 6ª série. *In*: **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, SP, ano 6, nº 10, p. 28 – 38, dez. 1987.

SOARES, Amélia Maria Jarmendia. A prática de leitura de narrativas longas: uma proposta viável. *In*: **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, SP, ano 6, nº 9, p. 18 – 28, jun. 1987.

ZILBERMAN, Regina Zilberman. A leitura na escola. *In*: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, 3ª edição, p. 9 – 22.

# **ANEXOS**